

O território do Rio Grande do Norte como ponto estratégico e seus equipamentos militares

Manuel Thiago de Araújo Maia¹

Désio Rodrigo²

Resumo

Este texto tem o intuito de analisar o estado do Rio Grande do Norte por meio dos eventos históricos que o caracterizam como ponto estratégico no cenário mundial. O primeiro evento analisado é ainda na condição de capitania hereditária, quando nos planos de avanço da colonização lusitana serviu de ponto estratégico para a conquista de novos territórios. Outro evento ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando Natal e sua região foi considerado estratégico para combater as forças do Eixo; e para isso, uma nova configuração técnica foi instalada no território do estado para dar base aos avanços das tropas militares norte-americanas na direção da África. Essa herança e o momento atual dos equipamentos militares são analisados nesse trabalho.

Palavras-chave: Promontório Nordeste; Natal; Patrimônio Militar.

Introdução

Na história do estado do Rio Grande do Norte (RN) podemos encontrar diversos eventos que exemplificam a questão da posição estratégica para a localização de equipamentos militares. O próprio Brasil pode ser entendido nessa lógica, como demonstra Castro (1981) quando analisa o plano dos países ibéricos de atingir as Índias para manter o monopólio do tráfico de especiarias por meio de seu objetivo geopolítico. Outro exemplo é quando o RN, na condição de capitania hereditária, serviu de apoio para a conquista das capitanias do Ceará e Maranhão. Com a construção da Fortaleza em 1598, considerada por Cascudo (1955, p. 25) como a barreira extrema dos portugueses no Norte do Brasil, e selada a paz com os silvícolas em 1599, as manobras da colonização portuguesas puderam dar continuidade ao projeto de anexação de novos territórios à Coroa Portuguesa.

¹Graduado em Geografia e Mestre em Geografia (UFRN) Contato: manthiago@yahoo.com.br

²Graduando em Geografia (UFRN). Bolsista PIBIC/CNPq/Balcão.

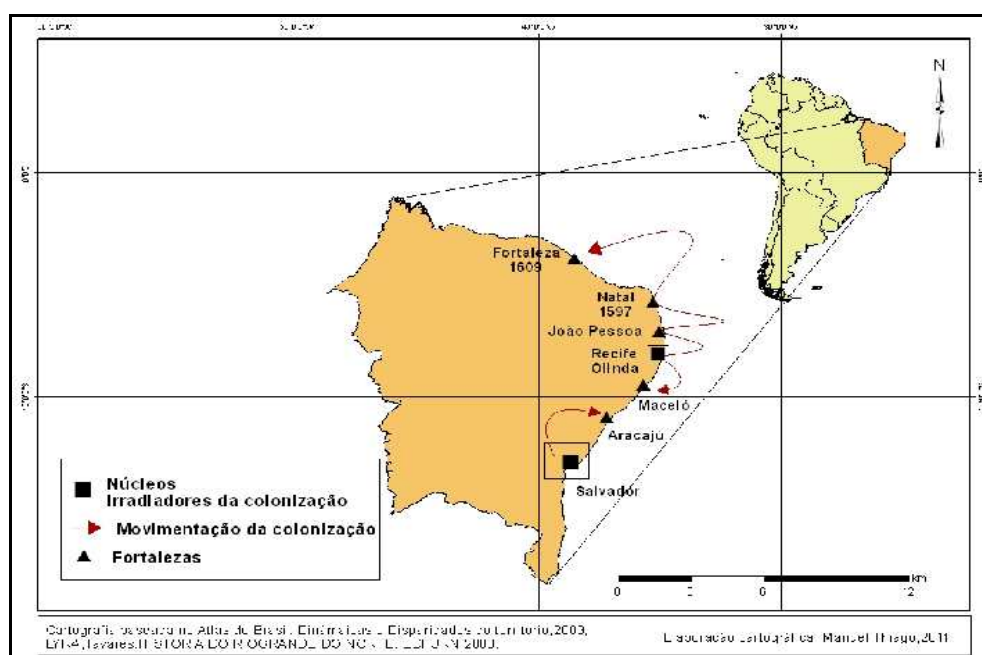


Figura 1 – Expansão da colonização portuguesa em sentido ao Norte da colônia brasileira no século XVI

Como podemos visualizar no cartograma da Figura 1, o território do Rio Grande do Norte foi um ponto estratégico para a marcha colonizadora portuguesa pelo litoral brasileiro. Nesse processo, a construção de uma fortaleza tornou-se imprescindível para a conquista das capitanias e defesa do litoral, escolhido o Rio Grande do Norte, como ponto estratégico para a movimentação da colonização para o Norte, abrindo as capitanias do Ceará e do Maranhão. Cascudo (1955, p. 25) conta que foi da fortaleza da capitania do Rio Grande do Norte que partiu Martim Soares Moreno para a conquista do Ceará, em 1611. Já Lyra (2008, p. 49), na sua *História do Rio Grande do Norte*, diz que, após a primeira tentativa, saiu da fortaleza da capitania do Rio Grande do Norte o verdadeiro conquistador da capitania do Ceará que levantou um fortim na embocadura do Rio do Ceará em 1609.

Outro exemplo do caráter estratégico da localização do estado ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O RN esteve no centro das manobras norte-americanas como ponto de avanço para combater as forças nos continente europeu e africano. É nesse evento que mais nos detemos, analisando a inserção do estado, especificamente, de Parnamirim e Natal como territórios importantes nos planos de combate às forças do Eixo. Para tanto, realizamos leituras de autores geopolíticos e de

historiadores que se detiveram na história regional. Essa revisão da literatura foi necessária para compreendermos o uso operacional do conceito de território na lógica expansionista dos Estados. Outro ponto da pesquisa foi o levantamento dos equipamentos militares do Exército, Marinha e Aeronáutica nesses diferentes momentos históricos e na atualidade, para termos uma visualização mais precisa desses sistemas de engenharia militar instalados no território brasileiro e, especialmente, no território potiguar. Os equipamentos militares são entendidos aqui como todas as organizações militares que dão apoio as ações administrativas e bélicas no território.

Território como conceito operacional na Geopolítica

Sodré (1989), Raffestin (1993), Andrade (1993; 2008) e Moraes (2005) são concordantes sobre a expressão *geopolítica*, cunhada pelo sueco Rudolf Kjellen em 1916. Essa expressão, formada pela contração das palavras (e porque não dos saberes) Geografia e Política, é voltada para ação dos Estados sobre os espaços geográficos. Embora surgida no século XX, como afirma Andrade (1993), na prática já existia desde a Antiguidade.

Sua base moderna deriva do pensamento do alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), especificamente, nas obras *Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia a História* (1882) e *Geografia Política* (1897). Para Sodré (1989), esta última foi um verdadeiro manual do imperialismo alemão. No conjunto das conjecturas ratzelianas, o espaço geográfico tomou um lugar central, e em referência a essa proposição, o alemão construiu dois conceitos operacionais: *território* e *espaço vital*. O primeiro foi definido como uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano, enquanto o segundo conceito foi definido como uma necessidade territorial de uma sociedade, ou melhor, como uma porção para a reprodução da comunidade. Como “as necessidades naturais do meio aparecem como um dos fatores do progresso” (MORAES, 1990, p. 21), a conquista e defesa dos territórios legitimavam a existência dos Estados no pensamento de Ratzel. Assim, o território para uma determinada sociedade passou a ser um elemento estratégico que: “representa as condições de trabalho e existência de uma sociedade. A perda de territórios seria a maior prova de decadência de uma sociedade. Por outro lado, o progresso implicaria a necessidade de aumentar o território, logo, de conquistar novas áreas.” (MORAES, 2005, p. 70).

Exemplo pode ser notado quando o Estado português decidiu transgredir a norma estabelecida no Tratado de Tordesilhas (1494), quando os bandeirantes paulistas alargaram o território além do meridiano referido a procura de metais e índios para aprisionamento, chegando a ocupar a Amazônia, em que grande parte de sua extensão territorial se encontrava a oeste do meridiano e já pertencendo ao domínio espanhol. Esse problema foi resolvido por meio do princípio de *Uti possidetis* (ANDRADE, 2007).

A geopolítica quando interpretada como a ciência do Estado (RAFFESTIN, 1993) representa uma corrente do pensamento dedicada ao estudo da dominação dos territórios (MORAES, 2005) ou como momento de encontro entre as teorias e conhecimentos dos geógrafos e dos generais (ANDRADE, 2008). Sobre isso, Moraes (2008, p. 51) esclarece que um território é “um espaço demarcado de exercício de poder, o qual pode estar integralmente sob seu efetivo poder ou partes que constituem objeto de seu apetite territorial”. Como podemos perceber por essa elementar exposição, o conceito de território tornou-se uma ideia operacional importante para a expansão dos Estados modernos. Souza (2007), no seu texto *Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*, definiu esse conceito como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder e concluiu que esse conceito deveria ser mais abrangente que o de Estado-Nação, pois é um espaço político (LOPES, 2010).

O Rio Grande do Norte como ponto estratégico na Segunda Guerra Mundial

Antes mesmo da eclosão do segundo conflito mundial, o território potiguar já era ponto estratégico de rotas aéreas dos europeus. Segundo Cascudo (1999), na obra *História da Cidade do Natal*, a partir da segunda década do século XX havia uma movimentação de aviões australianos, franceses, ingleses e italianos no campo de pouso do município de Parnamirim. Já Smith Jr. (1992, p.17), fornece mais detalhes dessa presença dos aviões europeus: “O primeiro país no século XX a demonstrar interesse por Natal e pelo campo de Parnamirim foi a França. Desde a Primeira Guerra Mundial, esse país passou a se interessar pelo serviço aéreo entre a Europa e América do Sul”. E em seguida demonstraram intenções Alemanha, Inglaterra e Itália. A partir desses primeiros fluxos, segundo Cascudo (1999, p. 421), o campo de Parnamirim tornou-se famoso entre os campos de pouso do mundo.

Nesse momento, segundo o historiador texano Smith Jr (1992), os Estados Unidos não participaram do desenvolvimento inicial do transporte aéreo na América do Sul. A falta de interesse veio da ausência de subsídios governamentais e do baixo lucro das rotas aéreas para a região. Isso mudou no final da segunda década do século XX, quando a *Pan American Airways* começou a operar no território brasileiro. Daí em diante outras companhias começaram a operar no Brasil: a *NYRBA*, na rota Nova Iorque - Rio de Janeiro - Buenos Aires, e a subsidiária brasileira *NYRBA Brasil* (Panair do Brasil).

Em 1939, é deflagrada a Segunda Guerra no continente europeu. Nesse primeiro momento, EUA e Brasil foram meros espectadores. Em 1941, os EUA declararam guerra aos países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão - pelo ataque japonês a sua base militar localizada no Hawaí. No entanto, para Trindade (2007, p. 206) as manobras das tropas norte-americanas no Atlântico Norte eram dificultadas em virtude das condições técnicas da aviação da época e, sobretudo, do domínio nazista em quase todo o continente europeu. A estratégia foi a antiga rota aérea usada no início do século XX, de Natal (Brasil) a Dakar (Senegal). É interessante destacar que em 1939, antes de todo traslado dos equipamentos militares e da construção das instalações das bases militares, o Brasil e, especificamente, a região Nordeste já fazia parte de um plano estratégico denominado Arco-Íris (SMITH Jr., 1989). Dessa forma, podemos pensar que a entrada do Brasil na segunda guerra teria acontecidos antes mesmo do que a história oficial registra. Outra evidência para esse raciocínio foi a conclusão da inspeção norte-americana no litoral brasileiro indicando o território do Rio Grande do Norte, especificamente as coordenadas 5°47'42"S e 35°12'34"O como ponto ideal para a defesa dos EUA e do Canal do Panamá.

A partir de 1940, o estado do Rio Grande do Norte começou a presenciar a implantação de uma nova configuração territorial tributária da presença norte-americana. Numa escala cartográfica pequena (Figura 2) podemos verificar como se dava as manobras norte-americanas na América do Sul. Em 1941, na parte leste da cidade do Natal, próximo ao rio Potengi, foi construído a Base Naval. Também em 1941, segundo Trindade (2007, p. 208), o presidente do Brasil Getúlio Vargas, autorizou os EUA a construção da Base Aérea de Natal (localizada no município de Parnamirim), que no mesmo ano inicia os trabalhos de construção. Como bem lembram Smith (1989) e Ferraz (2005), a construção desse equipamento militar estava inserido no Programa de Desenvolvimento dos Aeroportos.

Outras obras vieram a se somar ao sistema de engenharia militar nordestino, como a ampliação das Docas, a construção de oleoduto para abastecimento das tropas militares, uma pista asfaltada ligando a Base Aérea à cidade do Natal e aberturas de novas estradas facilitando o patrulhamento do litoral sul do estado.

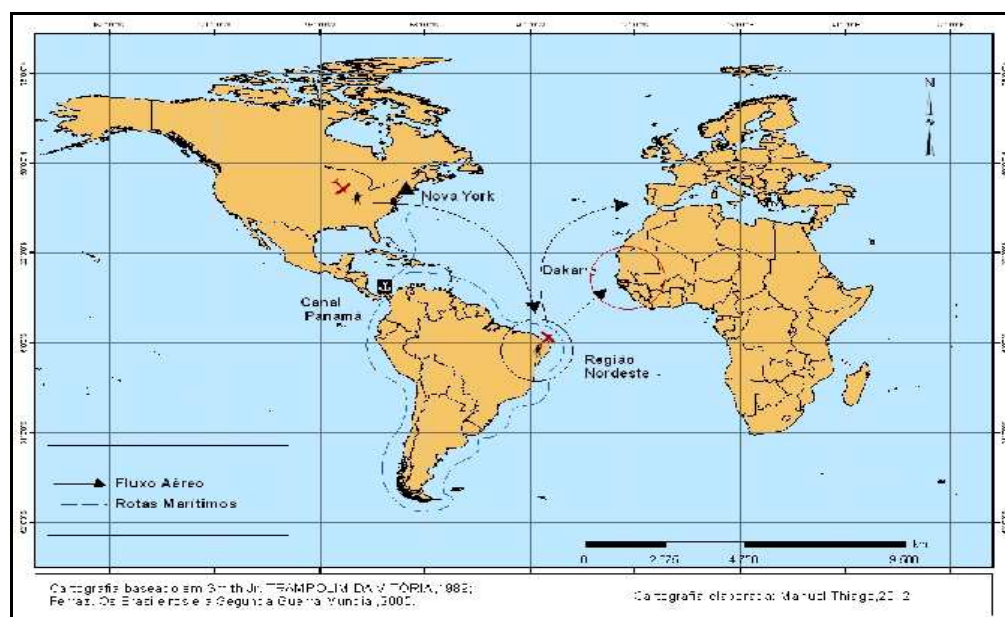


Figura 2 – A Região Nordeste na concepção geoestratégica global norte-americana

Para Cascudo (1999, p. 422), essa foi a maior mobilização técnica dos EUA fora de seu território: “Todos os serviços modernos, todos os recursos da técnica, possíveis ao gênio e ao dinheiro, estavam abundantemente acumulados em Parnamirim”. Em 1942, segundo Trindade (2007, p. 208), Parnamirim Field já era o aeroporto mais movimentado no mundo com cerca de trezentos aviões diariamente passando pelas suas pistas rumo ao continente africano. Também para Ferraz (2005, p. 37), em 1943, essa base ostentou o título de aeroporto mais movimentado do mundo, com 800 operações diárias nas suas pistas. Câmara Cascudo (1999) e Smith Jr. (1989) também comentam essa densidade técnica da Base Aérea de Natal.

Como podemos perceber pela geoestratégia do conflito, especificamente o litoral brasileiro passou a ser um território importante para as manobras militares contra o Eixo. Primeiramente, pela proximidade da região Nordeste do continente africano e da Europa, onde se tornou um ponto de avanço para as tropas militares aliadas, e depois pela

possibilidade de domínio dos mares do Atlântico Sul contra ataques e avanços de maior envergadura das tropas nazistas.

Assim, é inegável que Natal e Parnamirim sentiram muito bem a presença física e cultural dos norte-americanos durante o segundo conflito mundial. E ao se passar mais de sessenta anos após o fim da guerra, a cidade do Natal continua se destacando pela participação notável dos serviços militares representados pelos equipamentos distribuídos em pontos estratégicos da cidade.

A espacialização dos equipamentos militares no estado do Rio Grande do Norte

Natal e Parnamirim foram os municípios da Região Nordeste que sentiram mais fortemente a presença norte-americana³. Isso se deu em razão da presença física dos soldados norte-americanos, bem como pelos equipamentos militares instalados naquela época. A importância da engenharia militar, bem como setor público, são notadas por Clementino, Silva e Pereira (2009) como uma das variáveis de forte liderança da cidade do Natal na região metropolitana.

Esses dois municípios, junto com mais sete municípios limítrofes da capital, formam hoje a Região Metropolitana do Rio Grande do Norte⁴. Natal e Parnamirim somam uma população de 2.828.195 habitantes (IBGE, 2010), e todos residindo na área urbana. Outra característica que pode nos ajudar a pensar a importância da presença militar é a distribuição da população economicamente ativa.

Em 2009, a Região Nordeste apresentava uma População em Idade Ativa – PIA de 44.827000. Mas temos os dados apenas para a População Economicamente Ativa – PEA, que para a Região Nordeste apresentou 0,2% da população ocupada nas forças militares em 2009. Se compararmos com outras regiões chega-se a conclusão que a região Nordeste é a que tem a menor participação da PEA nessa ocupação⁵.

No entanto, essa situação muda quando analisamos os estados que formam a Região Nordeste (Tabela 1). O Rio Grande do Norte conta com 2.691.000 na PIA (DIEESE, 2010-2011). Já em relação à População Economicamente Ativa - PEA, o RN

³Clementino, Silva e Pereira (2009, p. 27) nos dão um exemplo dessa situação quando afirmam que o comércio da cidade do Natal teve sua modernização no período da Segunda Guerra Mundial.

⁴Esses municípios são Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Monte Alegre, Nísia Floresta, São José do Mipibu e São Gonçalo do Amarante.

conta com 1.635.000. Como podemos verificar pela Tabela 1, os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba são os que apresentam maiores percentuais de ocupações nas Forças Armadas.

TABELA 1 - OCUPAÇÃO DA POPULAÇÃO ATIVA EM CARGOS MILITARES NOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE – 2009	
Estados	%
RN	0.5
PB	0.5
PE	0.2
AL	—
BA	0.1
CE	0.1
MA	0.1
PI	0.1
SE	0.1
Fonte: DIEESE, 2010-2011.	

Em se tratando dos equipamentos militares podemos verificar sua espacialização no estado do Rio Grande do Norte. O cartograma da Figura 3 ajuda a pensar nessa espacialização das instalações físicas do corpo militar do Exército⁶. Como podemos verificar, a capital do estado detém o maior número de instalações físicas do Exército. São oito quartéis, um hospital e duas hospedagens militares. Em segundo lugar, vêm o município de Caicó com quatro equipamentos: dois quartéis e duas hospedagens militares. Em seguida, o município de Mossoró com apenas dois quartéis.

⁵As Regiões Norte e Centro-Oeste apresentam a mesma porcentagem de 0,5%. Já as Regiões Sudeste e Sul contam com 0,3% da PEA envolvida nos cargos militares.

⁶A Região Nordeste conta com 223 instalações físicas do corpo do Exército brasileiro. E dentro desse conjunto, o estado que detém o maior número é a Bahia (56), seguida por Pernambuco (51).

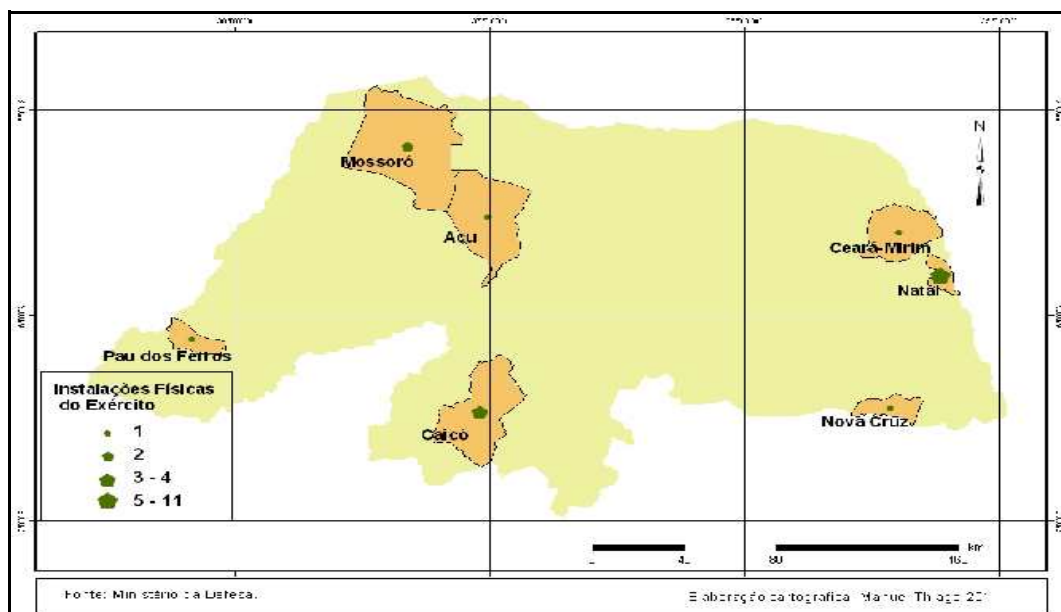


Figura 3 – Espacialização das instalações físicas do corpo militar do Exército, 2012

No que diz respeito ao corpo da Marinha, o território brasileiro é regionalizado em nove Distritos Navais localizadas nas principais capitais dos estados⁷. No caso da Região Nordeste, o 2º, 3º e 4º Distrito Naval, representadas pelas capitânicas, são responsáveis pela vigilância das águas fluviais e marinhas da região. Nesses distritos existem 13 capitânicas localizadas em pontos estratégicos na Região Nordeste, Norte e Sudeste.

Conforme o cartograma da Figura 4, todo o litoral da Região Nordeste é monitorada pelas forças militares da Marinha, por meio de suas capitânicas dos portos. No caso do estado do Rio Grande do Norte, está inserido no domínio do 3º Distrito Naval, representado pela Capitania dos Portos e por uma das setes Agências Navais.

⁷As regiões de influência de cada Distrito Naval não obedecem aos limites dos estados brasileiros.

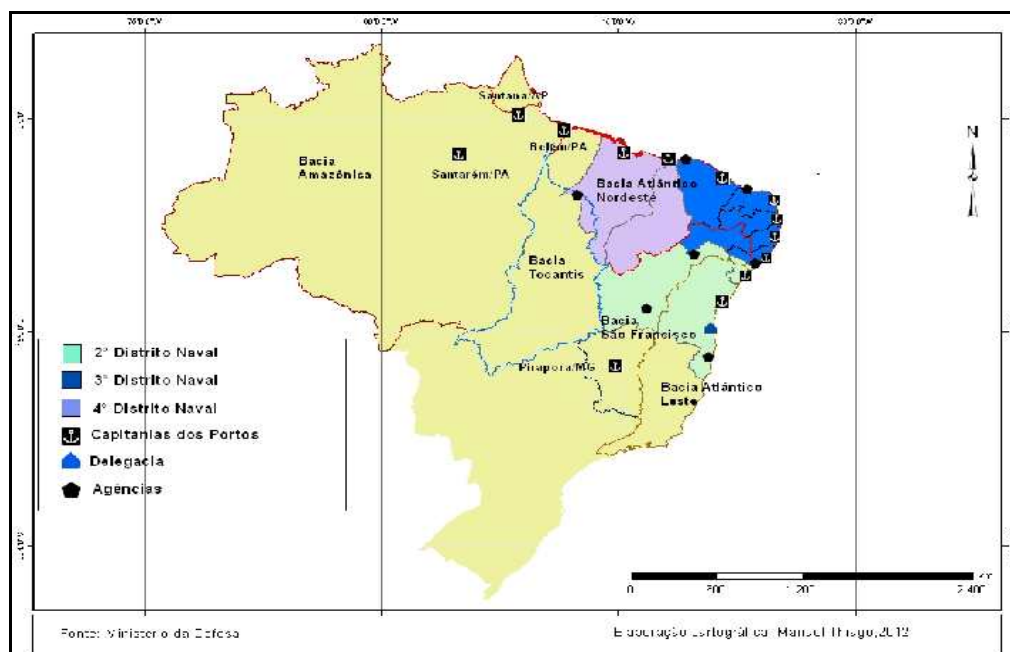


Figura 4 – Espacialização das instalações do corpo militar da Marinha

Em relação ao corpo militar da Aeronáutica, o território brasileiro apresenta um total de 333 equipamentos. Desse total, a Região Nordeste⁸ contém 13.2% dos equipamentos aeronáuticos. O estado de Pernambuco detém 15 organizações militares da Força Aérea. Em segundo lugar, temos o estado do Rio Grande do Norte com 10 organizações da Aeronáutica. O estado da Bahia, com 8 dessas organizações, fica em terceiro lugar na região.

O cartograma da Figura 5 nos dá uma melhor visualização dessa distribuição pelo território brasileiro. É possível perceber que a Região Norte tem uma considerável presença da Força Aérea, detendo 14.7% das organizações militares desta arma. O estado que mais se destaca é o Amazonas, com 20, seguido do Pará com 17. Já em relação à Região Sudeste verificamos uma grande expressão da Força Aérea, com 42.3% das organizações militares desta arma. O estado do Rio de Janeiro apresenta 86, e em segundo lugar, o estado de São Paulo com 43 das organizações militares da Aeronáutica.

⁸ Em relação aos estados da Paraíba, Piauí e Tocantins, a Aeronáutica não apresenta informações sobre suas organizações nesses estados.

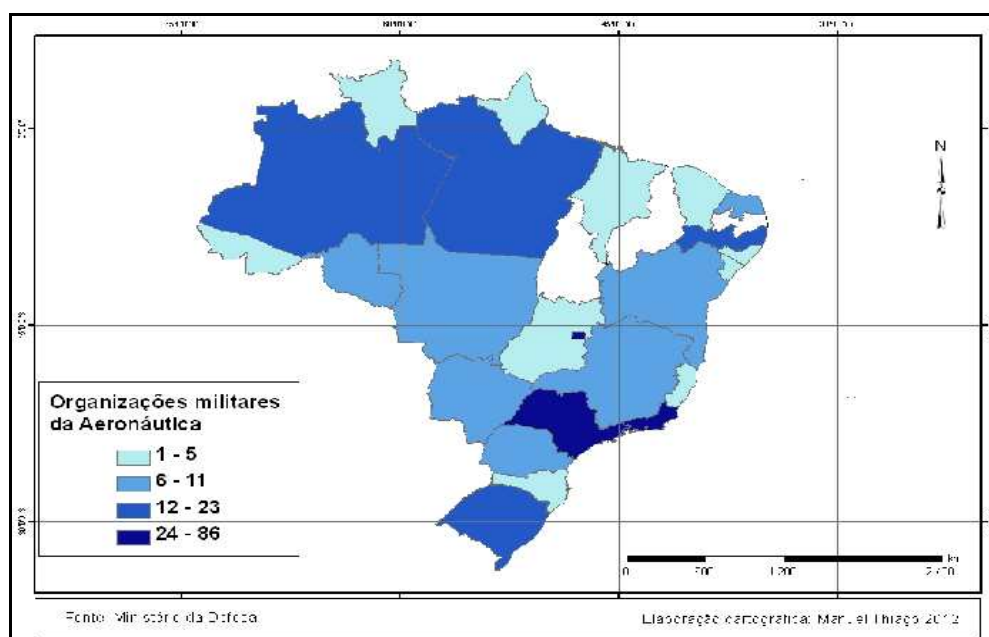


Figura 5 – Espacialização das organizações militares do corpo da Aeronáutica

Após verificar a distribuição dos equipamentos militares e a organização das Forças Armadas no território brasileiro é de grande importância para esse estu-

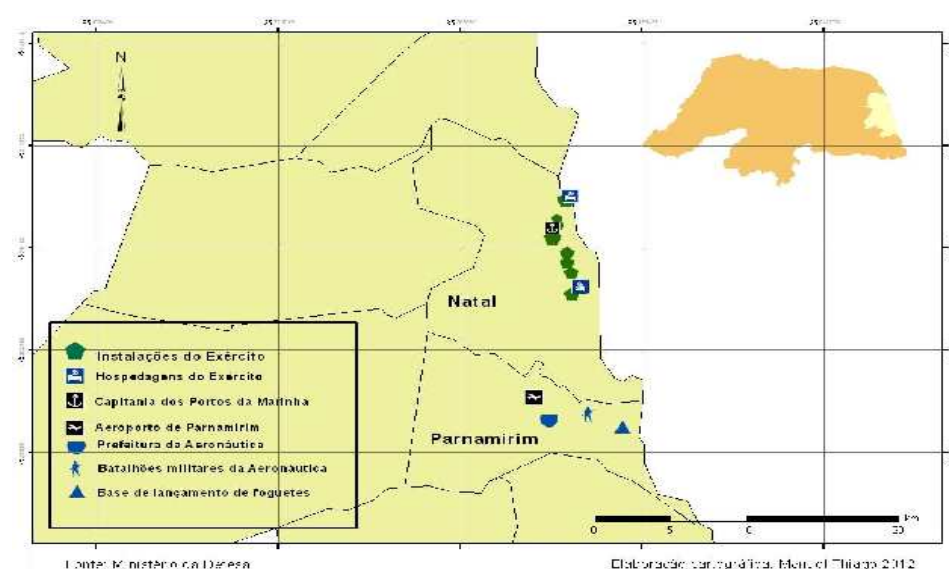


Figura 6 – Espacialização dos equipamentos das forças militares no estado do RN

do, uma cartografia síntese que demonstre as instalações das forças armadas distribuídos pelo território do estado do Rio Grande do Norte.

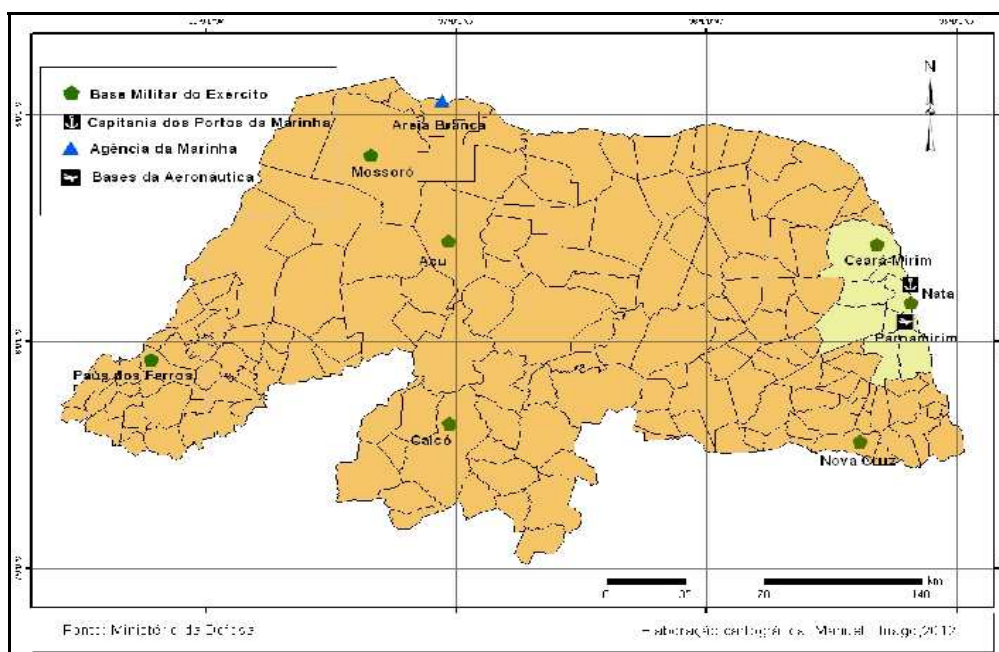


Figura 7 – Espacialização dos equipamentos das forças militares na Região Metropolitana de Natal

É fácil perceber pela Figura 6 que existe uma concentração dos equipamentos militares na Região Metropolitana de Natal, onde temos presente as três forças militares – Exército, Marinha e Aeronáutica. Enquanto no interior do estado, temos a predominância do corpo militar do Exército em pontos considerados estratégicos. Em uma escala cartográfica maior (Figura 7), é possível verificar como está espacializado esse equipamento militar na Região Metropolitana de Natal.

A cidade do Natal tem instalado 9 organizações militares do corpo do Exército, distribuídos pelos bairros de Santos Reis, Ribeira, Cidade Alta e Tirol. Na Ribeira encontra-se localizados a capitania dos portos da Marinha, na margem do rio Potengi. E no caso do município de Parnamirim, a concentração dos equipamentos militares diz respeito a Força Aérea, fazendo parte desse conjunto a Prefeitura da Aeronáutica de Natal, a Base Aérea de Natal – BANT e grupos de esquadrões de aviação.

Essa situação demonstra a importância desses municípios da região metropolitana de Natal como territórios estratégicos para a defesa da Região Nordeste e do Brasil, e vem reforçar uma das características da cidade do Natal como centro administrativo e

predominância do setor terciário (GOMES, 2009). Isso é possível verificar pelo número de empregos formais nesse setor com um total de 249.069 (MTE/RAIS, 2010)⁹.

Considerações finais

O estado do Rio Grande do Norte, bem como outros testados da Região Nordeste, tornaram-se pontos estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial. Mas importância maior coube as cidades do Natal e Parnamirim, que tornaram-se tributárias das manobras militares dos norte-americanos e, com isso, inúmeras ações e objetos técnicos militares foram instalados no território potiguar. Considerada como um centro administrativo desde sua fundação, Natal presenciou a modernização do setor terciário, especificamente, o comércio durante o segundo conflito mundial, bem como um incremento de novos fluxos na cidade e no município de Parnamirim. As ações geradas pela base aérea e as instalações militares fez os municípios em tela conhecerem novas configurações como estradas, energia elétrica e novas manchas urbanas.

Atualmente, os equipamentos militares continuam com uma grande participação na configuração territorial do estado do Rio Grande do Norte. No caso do Exército, o estado conta com 17 quartéis e duas hospedagens, e essa condição faz do estado o 4º colocado na Região Nordeste. Essa situação muda quando verificamos a distribuição dos equipamentos militares do corpo da Aeronáutica; o estado do Rio Grande do Norte passa para ser o segundo da região com 10 organizações militares da Aeronáutica. Não podemos deixar de lembrar as dinâmicas que esses equipamentos militares, juntamente com seu corpo de militares, estimulam na cidade do Natal e sua região. Isso porque cerca de 0,5% da População Economicamente Ativa do estado encontra-se inserida nas ocupações de ordem militar.

Outro ponto a notar é a diferença da concentração dos equipamentos militares das forças militares do Exército e da Aeronáutica no estado. No primeiro caso, a capital do estado detém cerca de 48% dos equipamentos militares do corpo do Exército. Essa relação muda quando analisamos a Aeronáutica, onde o município de Parnamirim passa a ter uma grande centralidade com 90% dos equipamentos militares. Essa situação geográfica fez pensarmos em duas premissas para futuros estudos: a primeira, a questão

⁹O setor de serviços corresponde uma porcentagem de 42.1%; o de Administração Pública 36% e comércio com 21.8%;

de fluxos de ordem militar entre os municípios que detém a maior concentração dos equipamentos das três forças militares e, conseqüentemente, a constituição de um polo militar na Região Metropolitana de Natal.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- _____. **Formação Territorial e Econômica do Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2007.
- _____. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2008.
- CASTRO, Therezinha de. **Atlas-texto de Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1981.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.
- _____. **História do Rio Grande do Norte**. Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento; SILVA, Marconi Gomes da; PEREIRA, William Eufrásio Nunes. **Transformações recentes na economia da Região Metropolitana de Natal**. In CLEMENTINO, Maria do Livramento; PESSOA, Zoraide Souza (Orgs.). **NATAL: uma metrópole em formação**. Natal, 2009.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOMES, Rita de Cássia da Conceição. **Dinâmica Territorial no Espaço Metropolitano de Natal**. In CLEMENTINO, Maria do Livramento; PESSOA, Zoraide Souza (Orgs.). **NATAL: uma metrópole em formação**. Natal, 2009.
- LYRA, Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Coleção História Potiguar. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- LOPES, Íole Ilíada. **Estado, Território e pensamento geográfico: discutindo a atualidade de uma interpretação político do espaço**. In BOMFIM, Paulo Roberto Albuquerque; NETO, Manoel F. Sousa. (Orgs.). **Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume, USP, 2010.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. (Org.). **Ratzel**. Coleção Grandes Cientistas. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- _____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2008.
- MINISTÉRIO DA DEFESA**. <http://www.defesa.gov.br>. Acessado no mês de Marco/2012;
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1989.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SMITH Jr., Clyde. **Trampolim para a vitória**. Natal: Ed. da UFRN, 1989.

TRINDADE, Sergio Luis Bezerra. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.